

NOVE DE JULHO E A
GUERRA DOS FARRAPOS

Honório de Sylos

Referindo-se à Revolução Constitucionalista de São Paulo, cometeu um equívoco o Sr. Luís Roberto Lopes, em seu artigo publicado, a 29-9-1982, no "Correio do Povo", de Porto Alegre, e, agora, reproduzido pela excelente "Notícia Bibliográfica e Histórica", nº 108, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a competente direção de Odilon Nogueira de Matos.

Não há, na verdade, o interessante ponto comum, que aponta, entre a Guerra dos Farrapos e o glorioso movimento de Nove de Julho. Trata-se de um engano do Sr. Luís Roberto Lopes, o que não nos surpreende, porquanto outros escritores e jornalistas nele incorreram. Trata-se do desconhecimento dos fatos, extraordinária importância, que se desenrolaram em Piratininga, em 1932.

A rebelião paulista não foi, em absoluto, como a Revolução gaúcha referida, uma manifestação de classes dominantes, regional, que se prestou a determinadas manipulações ideológicas, visando (como no Sul) ao enaltecimento de "caráter ativo", "aguerrido" e "indomável" do povo.

E não é só. O Sr. Lopes, no seu bem elaborado artigo, afirma que esse "enaltecimento" (como ocorreu em sua terra) teve por finalidade oculta os interesses de classe perceptíveis por detrás dos episódios de heroísmo e abnegação que a análise histórica, mais atenta e científica, não pode deixar passar, principalmente por não ser correto confundir interesses e intenções com causas realmente coletivas.

Ora, não é possível estabelecer um confronto entre as duas revoluções. A dos Farrapos foi provocada por interesse de classe. A defesa dos negócios dos produtores de trigo e charque. A de São Paulo, não.

A partir de 24-10-1930, o Sr. Getúlio Vargas tudo fez para amesquinhar São Paulo, dando-lhe como governador um tenente pernambucano bisonho em negócios administrativos. O vexame não parou aí: as tropas, na sua maioria, de "provisórios", convocados por Flores da Cunha, invadiram nosso Estado, submetendo o povo paulista a toda sorte de humilhação. O levante de Nove de Julho teve o apoio, não apenas (como no Sul, segundo o Sr. Lopes) das classes dominantes, mas, também, das classes liberais, das classes média e popular, dos estudantes em geral, da Força Policial, da guarnição do Exército e de numerosos e ilus-

tres oficiais que vieram do Rio para participar do movimento. Em 1932, o levante foi, realmente, coletivo, tendo à frente o povo numa quase impressionante unanimidade !

Diferente foi o caso da Guerra dos Farrapos, separatista. Os gaúchos de então (1835-1845) proclamaram a República de Piratini. Realizaram a Constituinte em Alegrete e outorgaram, solenemente, sua Carta Magna. A nova República tinha o seu Ministério, o seu Exército, sua Câmara de Deputados.

Bento Gonçalves e seus companheiros não se contentaram em fundar uma nova Nação, mas trataram de exportar suas idéias para outros Estados. Tanto, assim, que, com a ajuda de Garibaldi, instituíram a República de Laguna, em Santa Catarina. O germe, certamente, deveria progredir, atingindo outras Províncias e o Brasil acabaria dividido em várias republiquetas...

Dessemelhante 32. Completamente.

Fosse Nove de Julho o que julga o Sr. Luís Roberto Lopes, o Sr. Borges de Medeiros, o Sr. João Neves da Fontoura e outros ilustres políticos gaúchos lhe dariam seu apoio ? Caso Nove de Julho fosse um simples rebelião de "classe dominante" teria a solidariedade de grandes expressivas figuras das forças armadas, como, entre outros, Euclides Figueiredo, Isidoro Dias Lopes, Klinger, Basílio Taborda, Palimércio de Resende, Ivo Borges, Alves Bastos, Milton de Freitas Almeida ? E Artur Bernardes não se colocou ao lado de São Paulo ?

O Sr. Lopes deveria estudar o levante paulista, a começar pelo excelente trabalho de Hernâni Donato.

*